

PARÂMETROS DE COMPETITIVIDADE DO MEL BRASILEIRO

José Matheus Yalenti Perosa¹
Elvira Maria Romero Arauco²
Mara Lúcia de Azevedo Santos³
Verónica Noemí Albarracín⁴

1 - INTRODUÇÃO

Embora alguns estudos estimem a produção atual de mel entre 30 e 34 mil toneladas, segundo a Associação Paulista de Apicultores Criadores de Abelhas Melíferas Européias (APACAME), ou mesmo entre 40 e 45 mil toneladas de mel/ano (VILCKAS; GRAMACHO; MARTINELLI, 2001), estatísticas oficiais apontam valores mais conservadores: durante a década de 1990 a produção nacional de mel situou-se entre 18 e 20 mil toneladas, com estimativa aproximada de 27 mil toneladas em 2002.

Gonçalves (2000) argumenta que apesar do potencial apícola brasileiro ainda ser pouco explorado, a apicultura brasileira encontra-se em fase de ascensão, sendo hoje mais conhecida internacionalmente pelo domínio da metodologia de controle das abelhas africanizadas e pelo significativo crescimento da indústria apícola, que vem se destacando pela variabilidade, qualidade e aumento na produção.

O consumo *per capita* no Brasil é estimado em 100 gramas por habitante/ano (FAO, 2002), bem abaixo de outros países. A falta de consciência da amplitude alimentar constitui um dos fatores do baixo consumo no Brasil (VILHENA e ALMEIDA-MURADIAN, 1999).

Com relação ao mercado internacional, as exportações de mel natural cresceram signifi-

cativamente no período recente: passaram de 18 toneladas em 1999 para 12.000 toneladas em 2002, equivalente a 44% da produção nacional de mel. Em 2003 as exportações foram ainda mais pronunciadas: no primeiro semestre de 2003 foram exportados 9.140 toneladas, contra uma exportação de 3.781 toneladas em igual período de 2002⁵. Esse crescimento recente está relacionado, entre outros fatores, à desvalorização cambial ocorrida a partir de 1999, tornando os produtos brasileiros mais competitivos no exterior.

Como a política cambial não sugere alteração significativa no curto prazo, tornam-se relevantes estudos que abordem outros fatores de competitividade do mel brasileiro, seja com vistas ao mercado externo, seja para ampliar o consumo no mercado interno.

O objetivo deste trabalho é a sistematização de informações da cadeia produtiva e análise de fatores de competitividade do mel brasileiro. Mais especificamente, pretende-se uma discussão de parâmetros de competitividade para análise da participação futura da cadeia produtiva do mel nos mercados interno e externo.

2 - REFERENCIAL E PROCEDIMENTO DE ANÁLISE

O conceito de competitividade aqui adotado é explicitado por Jank e Nassar (2000), como a "... *capacidade sustentável de sobreviver e, de preferência, crescer nos mercados concorrentes ou em novos mercados*". Em relação ao mercado internacional, a participação brasileira apresenta-se como um indicador do desempenho dessa capacidade na realidade concreta. É um indicador de resultado e reflete a adequação do setor aos

¹Engenheiro Agrônomo, Doutor, Professor Assistente da Faculdade de Ciências Agrônômicas, Campus de Botucatu (UNESP) (e-mail: dede@fca.unesp.br).

²Engenheira Agrônoma, Mestre, Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, Campus de Botucatu (UNESP) (e-mail: emr@fca.unesp.br).

³Bióloga, Mestre, Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, Campus de Botucatu (UNESP) (e-mail: maraluciazevedo@ig.com.br).

⁴Zootecnista, Mestre, Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, Campus de Botucatu (UNESP) (e-mail: veronoe@yahoo.co).

⁵MDIC. SECEX/DECEX. Disponível em: <www.mdic.gov.br>. Acesso em: out. 2003.

padrões de concorrência no mercado em que participa e tem a vantagem de condensar inúmeros fatores que refletem o desempenho do setor.

Para análise da participação brasileira no mercado internacional do mel, foram utilizados dados publicados pelo MDIC (2003). O período analisado compreende os anos de 1990 a 2002.

Por outro lado, a competitividade é também determinada pela capacidade de inovação em tecnologia e formação de capital humano, assim como na coordenação da cadeia produtiva em definir e viabilizar estratégias competitivas nos mercados em que participa. Nesse sentido, a análise de características dos segmentos que compõem a cadeia produtiva pode contribuir para a delimitação de parâmetros que estariam a influir na competitividade presente, fornecendo indicadores dessa capacidade em participar dos mercados que se apresentam, de um ponto de vista dinâmico.

Para análise das perspectivas de participação no mercado interno e externo, foram coletadas informações sobre a evolução da oferta interna com dados disponibilizados pelo IBGE (2002). A análise da evolução dos dados secundários foi complementada por uma revisão de trabalhos setoriais ligados a cada tema em discussão. Da mesma forma, procedeu-se à análise das características dos diversos segmentos que compõem a cadeia produtiva do mel.

3 - PARTICIPAÇÃO BRASILEIRA NO MERCADO INTERNACIONAL

A tabela 1 mostra a participação brasileira no mercado internacional de mel de abelha. De uma posição demandante no início da década passada, o Brasil passa a uma posição ofertante no início da presente década.

No período considerado, a evolução da participação brasileira não apresenta um comportamento uniforme e pode ser dividida em três fases. A primeira, representada pelo período que antecede o Plano Real (1990-1994), mostra o Brasil com saldo negativo, mas com uma tendência de queda das importações. De um total importado de 2.740 toneladas em 1990, o País importou 1.313 toneladas em 1994. A segunda fase pode ser delimitada entre os anos de 1995 e 1999, representada por um período de forte valorização da moeda nacional, e conseqüente esti-

mulo às importações. Em 1995 as importações dão um salto, atingindo a marca de 4.256 toneladas: verifica-se a partir de então queda nas importações, com um total importado de 1.820 toneladas em 1999. A terceira fase é a mais recente, de 2000 a 2002, delimitada pela forte desvalorização da moeda nacional e conseqüente encarecimento das importações. O País apresenta forte queda nas importações, que passa a 287 toneladas em 2000, e uma estimativa de apenas 50 toneladas em 2002.

O inverso ocorre com as exportações, que na última fase passa de 268 toneladas em 2000 para 12.640 toneladas em 2002.

Os dados apresentados mostram claramente uma relação entre a política cambial e a participação brasileira no mercado internacional do mel. No entanto, mesmo entre as fases em que havia incentivo às importações, observa-se tendência de queda.

Citando representante da esfera da produção, Perez et al. (2003) argumenta que mesmo com a China voltando ao mercado internacional, com o câmbio em torno de R\$3,00 por dólar, o Brasil é competitivo nesse mercado.

Embora a política cambial seja um fator relevante de competitividade, é importante uma análise de fatores relacionados com o mercado interno que podem estar contribuindo para uma participação mais competitiva da produção nacional.

4 - ASPECTOS DA PRODUÇÃO E CONSUMO

Os canais de distribuição dos produtos apícolas caracterizam uma cadeia difusa e diversificada. Os produtos consumidos *in natura* seguem para o mercado por meio dos distribuidores atacadistas e varejistas. Já aqueles consumidos como insumo pelas indústrias entram na composição de diferentes produtos. Os segmentos que mais empregam produtos apícolas como matéria-prima são as indústrias de alimentos, cosméticos e farmacêuticos.

A produção de mel é bastante concentrada entre as regiões do País. Os dados da produção do mel no Brasil e nas regiões brasileiras estão apresentados na tabela 2.

A participação percentual no total brasileiro pode ser visto na tabela 3, a Região Sul é a

TABELA 1 - Participação Brasileira no Mercado Internacional de Mel, 1990-2003
(em kg)

Ano	Exportação	Importação	Saldo
1990	34.968	2.740.896	-2.705.928
1991	77.700	2.212.627	-2.134.927
1992	611.005	676.987	-65.982
1993	203.798	1.752.609	-1.548.811
1994	510.751	1.313.348	-802.597
1995	1.304	4.256.550	-4.255.246
1996	6.209	2.531.787	-2.525.578
1997	51.147	1.664.373	-1.613.226
1998	16.682	2.420.380	-2.403.698
1999	18.632	1.820.740	-1.802.108
2000	268.904	287.243	-18.339
2001	2.488.671	254.006	2.234.665
2002	12.640.487	49.698	12.590.789
2003 ¹	9.140.569	973	9.139.596

¹De janeiro a julho de 2003.

Fonte: MDIC.SECEX/DECEX (2003).

TABELA 2 - Produção de Mel de Abelha no Brasil e nas Regiões Brasileiras, 1990-2002
(em kg)

Ano	Brasil	Norte	Nordeste	Centro-Oeste	Sudeste	Sul
1990	16.181.289	69.546	1.782.081	407.012	3.567.454	10.355.196
1991	18.667.767	121.808	1.974.661	432.190	3.824.994	12.314.114
1992	18.841.386	139.061	1.478.354	419.827	4.300.039	12.504.105
1993	18.367.172	218.972	950.617	492.720	4.729.656	11.975.207
1994	17.514.366	239.298	1.782.035	525.691	4.859.767	10.107.575
1995	18.122.819	249.963	2.133.421	521.301	5.020.205	10.197.929
1996	21.172.870	150.031	2.748.196	538.625	4.841.674	12.894.344
1997	19.061.722	156.702	2.799.062	581.858	4.233.823	11.290.277
1998	18.308.489	150.164	2.081.878	549.667	4.127.465	11.399.315
1999	19.751.097	185.229	2.795.039	609.917	4.291.387	11.869.525
2000	21.865.144	301.696	3.748.108	631.704	4.513.538	12.670.098
2001	22.219.675	317.515	3.799.504	670.833	4.686.222	12.745.601
2002 ¹	27.000.000	-	-	-	-	-

¹Estimativa.

Fonte: IBGE (2002).

TABELA 3 - Participação Percentual das Regiões Brasileiras no Total Produzido, 1990-2001

Ano	Brasil	Norte	Nordeste	Centro-Oeste	Sudeste	Sul
1990	100,0	0,4	11,0	2,5	22,0	64,0
1991	100,0	0,7	10,6	2,3	20,5	66,0
1992	100,0	0,7	7,8	2,2	22,8	66,4
1993	100,0	1,2	5,2	2,7	25,8	65,2
1994	100,0	1,4	10,2	3,0	27,7	57,7
1995	100,0	1,4	11,8	2,9	27,7	56,3
1996	100,0	0,7	13,0	2,5	22,9	60,9
1997	100,0	0,8	14,7	3,1	22,2	59,2
1998	100,0	0,8	11,4	3,0	22,5	62,3
1999	100,0	0,9	14,2	3,1	21,7	60,1
2000	100,0	1,4	17,1	2,9	20,6	57,9
2001	100,0	1,4	17,1	3,0	21,1	57,4

Fonte: Elaborada pelos autores a partir dos dados do IBGE (2002).

maior produtora nacional, tendo sido responsável em 2001 por cerca de 57% do mel produzido. Em seguida aparece a Região Sudeste com 21%. As duas regiões são responsáveis, em conjunto, por cerca de 80% do mel produzido no Brasil.

No entanto, nos últimos anos essas regiões diminuíram sua participação no total. As duas Regiões (Sudeste e Sul) já foram responsáveis por mais de 90% do mel produzido (1993), diminuindo essa participação no período considerado. Embora se observe um crescimento na produção (Tabela 2), é inferior ao observado em outras regiões, reduzindo sua participação no total nacional.

Para melhor visualizar a evolução da produção no período considerado, os dados da produção de mel, por região brasileira e no Brasil, foram transformados em índices (considerando 1990=100) e apresentados na figura 1.

Observa-se crescimento nas quatro regiões. Destaca-se a Região Nordeste onde, apesar de uma queda em 1993, apresenta um crescimento mais pronunciado quando comparado a outras regiões do Brasil.

Os Estados que mais produzem mel no Nordeste são Piauí, Ceará e Bahia, que, juntos, respondem por cerca de 80% do produto da região, sendo responsáveis também pela produção orgânica desse alimento. Essa produção é consequência da mata nativa estar distante da contaminação por agrotóxicos. No início dos anos 80s, o mel nordestino era coletado de forma extrativista pelos meleiros. A chegada de profissionais, especialmente na região de Picos, no Piauí,

e Pacajus e Crato, no Ceará, propiciou a instalação de meios racionais de criação. Hoje, a apicultura tornou-se uma das grandes opções por explorar o potencial nato da flora. Segundo Souza (2000), a expectativa para 2007 é fazer do Nordeste o maior produtor de mel do País. Sendo que as demais regiões apresentam um comportamento mais homogêneo.

O Brasil possui um clima tropical, com ampla, vasta e variada vegetação, características propícias à exploração apícola, sendo considerado um País com forte potencial para a produção desses produtos. Segundo Vilckas et al. (2002), apesar de o potencial apícola ser ainda pouco explorado, existe possibilidade e potencial para tornar-se líder mundial na produção de mel.

De acordo com Ronaldo M. Barbosa da Silva e Etelvina Conceição Almeida da Silva, pesquisadores do Instituto de Zootecnia, citados por Perez et al. (2002), "... o Brasil dispõe de tecnologia suficiente para o aumento da produção de mel no curto prazo, e a prova está na rapidez com que o setor reagiu ao aumento do preço internacional".

No segmento consumidor, são poucas as referências de estudos de âmbito nacional. Vilckas et al. (2002) observaram características desse mercado na região de Ribeirão Preto (SP). Foram entrevistadas 318 pessoas e os resultados apontaram que 25,3% dos entrevistados nunca consumiram mel; 35,3% sempre consomem mel e 43,1% consomem com baixa frequência. Estudos realizados em Tauba-

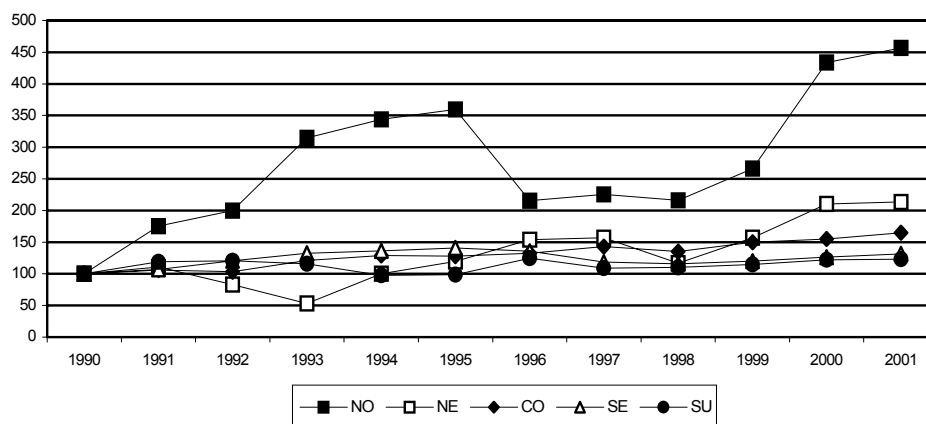


Figura 1 - Índice da Evolução da Produção de Mel no Brasil, 1990-2001.

Fonte: Elaborada pelos autores a partir de dados do IBGE (2002).

té (BEDINI; FARIA JUNIOR; BARRETO, 2002) apontam fatores relacionados ao baixo consumo, sendo que 73% dos entrevistados utilizam como remédio e apenas 41% como alimento.

O consumo de mel no Brasil é reduzido quando comparado com outros países consumidores. A tabela 4 mostra o consumo médio dos principais países consumidores em 2001.

TABELA 4 - Consumo Médio de Mel nos Principais Países Consumidores, 2001 (kg/hab./ano)

País	Consumo
Rep. Centro Africana	3,4
Nova Zelândia	1,8
Angola	1,7
Grécia	1,5
Áustria	1,4
Suíça	1,3
Alemanha	1,1
Turquia	1,0
Espanha	1,0
Chipre	0,9
Canadá	0,7
Estados Unidos	0,6
Israel	0,6
França	0,5
Suécia	0,5
Polônia	0,5
Austrália	0,5
México	0,3
Irã	0,3
Chile	0,2
Brasil	0,1
Argentina	0,1
China	0,1
Uruguai	0,1

Fonte: FAO (2002). Disponível em: <<http://ww.fao.org>>.

Fatores como hábito alimentar e falta de informação do consumidor são listados por estudiosos para esse baixo consumo. A falta de informação provoca desconhecimento das propriedades nutritivas do mel, que passa a ser consumido exclusivamente como remédio e não como alimento, não fazendo parte da dieta normal do brasileiro.

Outro fator aventado para o baixo consumo está relacionado com a qualidade. Atualmente, poucos alimentos chegam à mesa do brasileiro sem terem sido processados e adicionados conservantes (VILHENA e ALMEIDA-MURADIAN, 1999). As adulterações mais comuns têm sido realizadas pela adição de xaropes de sacarina, méis artificiais ou água (WOOTONELADAS et al., 1985).

O preço também tem se constituído em fator limitante do consumo. Enquanto o mel estava sendo comercializado a granel, com preço en-

tre R\$1,50 e R\$2,00/kg, no varejo os valores oscilavam em torno de R\$15,00 e R\$18,00/kg.

O comportamento do preço de exportação variou significativamente no período analisado: tendência crescente até 1999, com oscilações acentuadas, queda em 2000 e 2001 e recuperação em 2002 e 2003.

Caso a produção interna não acompanhe o continuado aumento das exportações na mesma proporção, é de se esperar aumento de preço no mercado interno, dada a menor disponibilidade do produto, o que poderia contribuir para queda no consumo.

5 - MERCADOS, PRODUÇÃO E COORDENAÇÃO NA CADEIA PRODUTIVA DO MEL

O Brasil ocupa o quinto lugar no *ranking* mundial da produção de mel. O número de apicultores aumentou 4,5% nos últimos dez anos e, segundo estimativas da Confederação Brasileira de Apicultura, em 2001 aproximadamente 96 mil apicultores coletaram 27,8 mil toneladas de mel.

A tabela 5 mostra a produção nacional, bem como a participação no mercado externo e a disponibilidade interna de mel.

Os dados mostram que o crescimento da participação brasileira no mercado externo não foi acompanhado pelo crescimento proporcional da produção, induzindo a uma queda na disponibilidade interna desse produto.

Essa constatação aponta para a falta de planejamento estratégico de longo prazo, fundamental para um crescimento sustentável da participação em mercados. O crescimento no mercado externo, aparentemente alavancado por uma política cambial favorável, ocorreu em detrimento da oferta doméstica, o que pode dificultar o encaminhamento de relações mais estáveis entre os diversos segmentos da cadeia no mercado interno.

Os dados apresentados na tabela 5 necessitam ser analisados com cautela. Embora não haja dúvida da desproporção entre o aumento da produção e o das exportações nos últimos dois anos, há indicações de que a produção nacional seja maior que aquela mostrada nas estatísticas oficiais. Assim, é de se esperar que parcela considerável desse aumento das exportações esteja sendo "coberto" com um aumento na produção.

Mesmo essa ressalva não esconde o fato de que parcela das exportações esteja sendo

TABELA 5 - Produção e Disponibilidade Interna de Mel, Brasil, 1990 a 2002
(em kg)

Ano	Produção nacional	Mercado externo (saldo)	Oferta doméstica	População	Cons. aparente (kg/hab./ano)
1990	16.181.289	2.705.928	18.887.217	147.593.859	0,128
1991	18.667.767	2.134.927	20.802.694	149.926.149	0,139
1992	18.841.386	65.982	18.907.368	152.226.988	0,124
1993	18.367.172	1.548.811	19.915.983	154.512.692	0,129
1994	17.514.366	802.597	18.316.963	156.775.230	0,117
1995	18.122.819	4.255.246	22.378.065	159.016.334	0,141
1996	21.172.870	2.525.578	23.698.448	161.247.046	0,147
1997	19.061.722	1.613.226	20.674.948	163.470.521	0,126
1998	18.308.489	2.403.698	20.712.187	165.687.517	0,125
1999	19.751.097	1.802.108	21.553.205	167.909.738	0,128
2000	21.865.144	18.339	21.883.483	170.143.121	0,129
2001	22.219.675	-2.234.665	19.985.010	172.385.826	0,116
2002 ¹	27.000.000	-12.590.789	14.409.211	174.632.960	0,083

¹Estimativa.

Fonte: Elaborada pelos autores a partir de estatísticas do IBGE (2002) e MDIC. SECEX/DECEX (2003).

atendida com o deslocamento da oferta doméstica. À medida que se reduz a disponibilidade interna de mel, é esperado que o preço interno aumente em direção às cotações externas, tendendo a uma equalização da margem de lucro entre esses mercados.

A última coluna da tabela 5 mostra o consumo aparente *per capita* de mel. Essa coluna referenda estimativa da FAO de consumo interno, ao redor de 100 gramas/habitante/ano. Para 2002, o consumo aparente é menor, consequência do crescimento da participação no mercado externo.

Um planejamento de crescimento do mercado interno, calçado em estruturas que reduzam custos de transação entre os diversos segmentos da cadeia produtiva, necessita como primeiro passo compromissos mais estáveis de produção e abastecimento desse mercado.

Além do fator cambial e sua relação com os mercados interno/externo de mel, outras questões derivadas da abertura econômica exercem influência na conformação dos mercados desse produto.

A prática da apicultura está muito ligada ao meio natural, ao meio ambiente, às culturas e ao manejo. Todos esses elementos influenciam na qualidade do mel. Com o processo de abertura econômica, aparecem no mercado méis estrangeiros nem sempre de boa qualidade. Como atualmente os controles de qualidade dos produtos são cada vez mais freqüentes e sofisticados, oferecer

produtos de alta qualidade para serem competitivos no mercado demanda uma coordenação cada vez maior entre os segmentos da cadeia produtiva.

Na falta de coordenação e estruturas adequadas de governança, o direcionamento da produção para o mercado mais rentável a curto prazo pode induzir a práticas oportunistas dos agentes econômicos. A adulteração do mel é uma prática encontrada ao longo da cadeia produtiva, como demonstra Rossi; Martinelli; Lacerda (1999). Em trabalhos relacionados sobre esse assunto, constatou-se que em média 18% das amostras analisadas apresentavam algum tipo de adulteração (ROSSI; MARTINELLI; LACERDA, 1999; VILHENA e ALMEIDA-MURADIAN, 1999; PEIXOTO et al., 2002; BENDINI; MACHADO; BARRETO, 2000). Seu incremento pode acompanhar o crescimento da produção pondo em risco a comercialização interna e externa do mel, como ocorreu no caso da China, constituindo-se num parâmetro negativo de competitividade.

6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

O destino do mel produzido no Brasil tem reorientado o foco e as estratégias de participação no mercado. Durante a última década do século passado, o mercado interno foi o destino maior da produção brasileira e responsável pela estruturação da atividade. A partir de 2000 observou-se a abertura do mercado externo para o mel

brasileiro e a necessidade de se atentar para novos parâmetros de competitividade visando uma participação sustentável.

A geração de pesquisas tem propiciado um acúmulo de conhecimento reconhecido pelos técnicos na área, mas ainda carece de um direcionamento para a pesquisa aplicada, voltada a resolver problemas que se colocam hoje na esfera da produção. Nesse setor, alguns aspectos tornam-se relevantes para a participação brasileira nos novos mercados: estudos das diversas regiões produtoras quanto ao potencial dos recursos néctar-poliníferos, assim como na área de genética na seleção de abelhas, orientados com vistas a um manejo adequado às distintas regiões. Nesse mesmo sentido, na esfera do processamento, com a necessidade de direcionar trabalhos voltados ao aumento de produtividade com a geração de inovações em equipamentos como as mesas desoperculadoras e centrifugas. Tais aspectos são confirmados por pesquisadores da área (PEREZ et al., 2003).

No mercado interno, aspectos relacionados com o consumo também se colocam como relevantes no aumento e modernização da produção. A falta de informação provoca desconhecimento das propriedades nutritivas do mel. Isso ocasiona um baixo consumo no Brasil, quando

comparado com outros países consumidores.

Ações da cadeia no sentido de ampliar a demanda interna de mel podem defrontar-se com a situação de produção insuficiente para cobrir esse consumo. Embora a atividade detenha tecnologia para aumentar a produção rapidamente (passou de 21 para uma estimativa de 27 mil toneladas entre 2000 e 2002), obviamente haverá dificuldades crescentes no atendimento de uma demanda em ascensão.

Outra questão a ser trabalhada frente aos novos mercados, principalmente o externo, refere-se à adulteração do produto. Há indicações de técnicos da área de que a porcentagem de adulteração que ocorre no Brasil é em torno de 18%. O mel chinês, concorrente de peso no mercado externo, sofreu restrições fortes do mercado internacional no passado recente, e só agora volta a participar desse mercado: as restrições citadas estavam relacionadas à qualidade do mel exportado.

A análise precedente evidencia a necessidade de uma parceria do setor público com os agentes econômicos envolvidos ao longo da cadeia, viabilizando instâncias regulatórias de participação nos diversos mercados, assim como políticas focadas nas demandas dos diversos segmentos da cadeia.

LITERATURA CITADA

BENDINI, J.; FARIA JUNIOR, L. R. R.; BARRETO, L. M. R. C. Análise físico-químico dos méis produzidos em quinze municípios do Vale do Paraíba. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE APICULTURA, 14., 2002, Campo Grande-MS. **Anais...**p. 63.

_____; MACHADO, G.G.; BARRETO, L.M.R.C. Análise físico-químico dos méis produzidos em onze municípios do Vale do Paraíba. In: ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA 5., MOSTRA DE PÓS-GRADUAÇÃO 1., Taubaté, 2000. **Anais...**

FAO (2002). Faostat Database. Disponível em: <http://www.fao.org>.

GONÇALVES, L.S. Perspectivas da exploração da apicultura com abelhas africanizadas no contexto apícola mundial. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE APICULTURA, 13., 2000, Florianópolis, SC. **Anais ...**

IBGE. Pesquisa Pecuária Municipal. Rio de Janeiro, 2002.

JANK, M. S.; NASSAR, A. M. Competitividade e globalização. In: ECONOMIA & gestão dos negócios agroalimentares. São Paulo: Pioneira, 2000. p. 137-63.

MDIC. SECEX/DECEX. Disponível em: <www.mdic.gov.br>. Acesso em: out. 2003.

PEIXOTO, J. F. et al. Análise econômica de um empreendimento apícola voltado para a produção de mel. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE APICULTURA, 13., 2002, Florianópolis, SC. **Anais ...**

PEREZ, L. H. et al. (2002). „Brasil torna-se exportador de mel em apenas dois anos. Disponível em: www.iaea.sp.gov.br. Acesso em: 7 jul. 2003.

_____ et al. (2003). Valor das exportações de mel aumenta sete vezes no primeiro trimestre de 2003. Disponível em: www.iaea.sp.gov.br. Acesso em: 7 jul. 2003.

ROSSI, N. F.; MARTINELLI, L. A.; LACERDA, T. H. M. Análise da adulteração de méis por açúcares comerciais utilizando-se a composição isotópica de carbono. *Ciência Tecnologia Alimentar*, v. 19, n. 2, p. 199-204, maio/ago. 1999.

SOUZA, D. C. Status nordestino. *Revista Pequenas Empresas Grandes Negócios*, São Paulo, 2000.

VILCKAS, M.; GRAMACHO, K. P.; MARTINELLI, D. P. **Perfil do consumidor de mel e o mercado de mel**. Ribeirão Preto, SP: USP/FEA, 2001. (Trabalho de Conclusão do Curso de Administração de Empresas).

_____ et al. Mercado atrativo. *Revista Brasileira Agropecuária*, v. 3, n. 15, p. 14, 2002.

VILHENA, F.; ALMEIDA-MURADIAN, L.B. (1999). **Análises-físico-químicas de méis de São Paulo**. Disponível em: <<http://www.bichoonline.com.br/artigos/apa0005.htm>>. Acesso em: mar.2003.

WOOTONELADAS, M. et al. A comparison of codex alimentarius commission and HPLC methods for 5 hydroxymethyl-2-furaldehyde determination in honey. *Journal of Apicultural Research*, v. 2, n. 24, p. 120-124, 1985.

PARÂMETROS DE COMPETITIVIDADE DO MEL BRASILEIRO

RESUMO: O objetivo deste estudo é a sistematização de informações da cadeia produtiva e análise de fatores de competitividade do mel brasileiro. A participação brasileira no mercado internacional foi utilizada como indicador de desempenho da capacidade competitiva. Estudos sobre a esfera da produção e processamento alicerçaram a análise sobre aspectos relevantes da capacidade competitiva frente às características dos mercados. Os resultados obtidos mostram uma aquisição de vantagem competitiva ligada à política cambial, apontando para a necessidade de coordenação entre as esferas da produção e processamento visando uma participação sustentável nos mercados interno e externo.

Palavras-chaves: mel, cadeia produtiva, mercados.

BRAZILIAN HONEY COMPETITIVENESS PARAMETERS

ABSTRACT: The aim of this study is twofold: the information systematization of the Brazilian honey production chain and the analysis of its competitiveness factors. The performance indicator of competitive capacity used was the Brazilian participation on the international market. Studies on the scope of production and processing grounded the analysis on relevant aspects of competitive capacity vis-a-vis several market features. The obtained results show the attainment of competitive advantage regarding the currency-exchange policies and point to the need to orchestrate the production and processing areas, with a view to a sustainable participation in the domestic and external markets.

Key-words: honey, production chain, markets.

Recebido em 14/11/2003. Liberado para publicação em 06/01/2004.